

MANUTENÇÃO LINGUÍSTICA E A VARIÁVEL ‘GRAU DE RURALIDADE’ EM FOCO: UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE DE FENÔMENOS LINGUÍSTICOS RURAIS

**LINGUISTIC MAINTENANCE AND THE VARIABLE ‘DEGREE OF RURALITY’ IN
FOCUS: A METHODOLOGICAL INSTRUMENT FOR THE ANALYSIS OF RURAL
LINGUISTIC PHENOMENA**

Ivelâ Pereira | [Lattes](#) | ivela.pereira@ifsc.edu.br

Instituto Federal de Santa Catarina

Loremi Lorean-Penkal | [Lattes](#) | loremi.loorean@gmail.com

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

Resumo: Esta investigação tem como foco a *manutenção linguística* a partir da descrição quantitativa e qualitativa do fenômeno variável da alternância vocálica precedente ao sufixo de PN /mos/, nos verbos regulares de 1^a e 2^a conjugação, em formas canônicas, como *falamos* e *aprendemos*, e não canônicas, como *falemo* e *aprendimo*, bem como sua relação com a ruralidade e o conservadorismo linguístico. Trata-se de uma pesquisa no âmbito da Teoria da Variação e da Mudança (cf. Labov, 2008 [1972], 1982, 1994; Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Guy, 1981, 2000), Dialetologia (Vasconcelos, 1901; Boléo, 1943; Melo, 1946) e Linguística Histórica (Castilho, 1968, 1992, 2016). Tomamos por base a defesa de Naro e Scherre (2003) de que áreas rurais constituem-se em “ilhas de conservadorismo linguístico” ao manterem usos de um português menos recente (dos séculos XIX e XX, considerado pelos dialetólogos como “português moderno”). Nossa amostra é composta por 168 entrevistas sociolinguísticas do banco-base VARLINF (Variação Linguística de Fala Eslava) – vinculado ao NEES (Núcleo de Estudos Eslavos), da UNICENTRO (câmpus Irati), de característica majoritariamente rural. A análise quantitativa considerou algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas, sendo selecionada, pelo programa de análise multivariada GOLDVARB-X, a variável linguística complexa ‘grau de ruralidade’, construída especificamente para este estudo com base em estudos dialetológicos que mapearam fenômenos rurais e conservadores da língua. Assim, foram eleitas algumas particularidades linguísticas consideradas rurais e, a cada informante entrevistado, fez-se uma escala de uso, considerando três graus de ruralidade: *baixo*, *médio* e *alto*. Os resultados mostraram que o uso das variantes não-canônicas (/e/ em “falemo” e /i/ em “aprendimo”) estava significativamente inter-relacionado ao alto grau de ruralidade dos informantes, um indício de que seu uso seja mais proeminente em contextos de conservadorismo linguístico e, consequentemente, de manutenção linguística de formas conservadoras. Acreditamos que o uso da variável independente interna

‘grau de ruralidade’ possa auxiliar pesquisadores a trabalharem com fenômenos rurais variáveis e também com o tópico ainda pouco explorado (cf. Ribeiro e Lacerda, 2013) da *manutenção linguística*.

Palavras-chave: Alternância vocálica. Manutenção linguística. Variação morfológica. Ruralidade.

Abstract: This investigation focuses on linguistic maintenance based on the quantitative and qualitative description of the variable phenomenon of vowel alternation preceding the PN suffix /mos/, in regular verbs of the 1st and 2nd conjugation, in canonical forms, as we speak and learn, and not canonical, how we speak and learn, as well as its relationship with rurality and linguistic conservatism. This is research within the scope of the Theory of Variation and Change (cf, Labov, 2008 [1972], 1982, 1994; Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Guy, 1981, 2000), Dialectology (Vasconcelos, 1901; Boléo, 1943; Melo, 1946) and Historical Linguistics (Castilho, 1968, 1992, 2016). We take as a basis the defense of Naro and Scherre (2003) that rural areas constitute “islands of linguistic conservatism” by maintaining uses of a less recent Portuguese (from the 19th and 20th centuries, considered by dialectologists as “modern Portuguese”). Our sample is made up of 168 sociolinguistic interviews from the base database VARLINFE (Linguistic Variation of Slavic Speech) – linked to NEES (Center for Slavic Studies), at UNICENTRO (Irati campus), with a mostly rural characteristic. linguistic and extralinguistic, using the GOLDVARB-X multivariate analysis program to select the complex linguistic variable ‘degree of rurality’, constructed specifically for this study based on dialectological studies that mapped rural and conservative language phenomena. linguistic particularities considered rural and, for each interviewed informant, a usage scale was made, considering three degrees of rurality: low, medium and high. The results showed that the use of non-canonical variants (/e/ in “falemo” and /i/ in “aprendimo”) was significantly interrelated to the high degree of rurality of the informants, an indication that their use is more prominent in contexts of linguistic conservatism and, consequently, linguistic maintenance of conservative forms. We believe that the use of the internal independent variable ‘degree of rurality’ can help researchers work with variable rural phenomena and also with the topic that is still little explored (cf. Ribeiro and Lacerda, 2013) of linguistic maintenance.

Keywords: Vowel alternation. Linguistic maintenance. Morphophonological variation. Rurality.

1 Introdução

O foco desta investigação é a *manutenção linguística, conservadorismo linguístico* e sua relação com a variável complexa ‘grau de ruralidade’ (Pereira¹, 2021), a partir do estudo da alternância vocálica na primeira pessoa do plural em verbos de 1^a e 2^a conjugação no presente e pretérito perfeito do indicativo (como *falamos* e *aprendemos*, que são realizados de forma não canônica como *falemo* e *aprendimo*).

Este fenômeno já havia sido mencionado por Amaral (1920) e por Castilho (1992), que o descrevera afirmando haver uma “elevação da vogal temática *a* para *e* e *e* para *i* no pretérito perfeito do indicativo, para distingui-lo do presente do indicativo: *fiquemo* (por *ficamos*), *bebimo* (por *bebemos*)” (Castilho, 1992, p. 250). Também em outra obra, o pesquisador, ao tratar sobre a morfologização dos sufixos de modo e tempo do latim vulgar até o português, especifica que a distinção antes ocorrida entre os tempos verbais no latim vulgar seria restabelecida no português popular, “elevando a vogal temática no pretérito de C1 e C2 (cf. *amamos* ~ *amemos*, *bebemos* ~ *bebimos*)” (Castilho, 2016, p. 152). Isto é, o português popular, tendo uma neutralização² dessas formas de presente e pretérito perfeito do indicativo em primeira pessoa do plural, acabam por trazer uma estratégia de diferenciação entre os tempos verbais, alternando-se a vogal tônica precedente ao sufixo de pessoa e número /mos/.

Assim, fica uma reflexão: a vogal em alternância (/e/ em 1^a conjugação e /i/ em 2^a conjugação) consistiria numa variante inovadora (por divergir da forma padrão instaurada) ou numa variante conservadora, por tentar restabelecer uma diferenciação de tempo-modo-aspecto que ocorria no latim vulgar? Ainda não temos respostas convincentes para essa questão, mas os dados coletados na contemporaneidade têm mostrado a manutenção/conservação linguística das formas em /emo/ e /imo/, de maneira que é possível considerá-las conservadoras no sentido de que atravessam séculos na língua sendo utilizadas por falantes de comunidades rurais. Neste artigo, portanto, defendemos que o uso das variantes não padrão /e/ e /i/ consista numa estratégia mais conservadora da língua.

Com vistas a uma contextualização, trazemos, a seguir, alguns exemplos do fenômeno em variação retirados de nosso córpus:

¹ Parte das ideias deste artigo foi publicada na tese de Doutorado de Pereira (2021).

² Lembrando que essa distinção entre passado e presente ocorre na norma padrão do português europeu. De acordo com Castilho (1992, p. 246), a respeito de “características fonológicas” do português do Brasil: “O PB não opõe timbres abertos a timbres fechados da vogal a seguida de nasal: cf. PB presente e pretérito *cantamos*, PP presente *cantamos* / pretérito *cantámos*”.

1ª conjugação

- (1) Entrevistadora: E, assim, hoje em dia, você fala ucraniano com seu marido?
Entrevistada: **Fal[ẽ]mos. (PRU³, fem⁴, fund. II, mais jovem)**
- (2) Entrevistadora: E falando em mudá... que festas que vocês assim já... Natal, Páscoa, assim, vocês comemoravam sempre ou não? Entrevistada: Não, era só o Natal da baba, né? Sempre comera- **comemor[ẽ]mo** até o dia de hoje o Natal aqui em casa é dia sete de janeiro. [...] Em dezembro, nós sempre dizia assim: Natal dos brasileiros. [sobre o que fazem hoje em dia] **(IRA, fem, fund. I, mais jovem)**
- (3) Entrevistadora: Mas tá OK, já deu nosso tempo, [nome feminino ocultado], brigada pela... Entrevistada: Hum... não **fal[e]mo** nem metade, não **convers[e]mo** nem metade... Entrevistadora: [risos] Quanta história que cê tem pra contá, mulher? Entrevistada: Teim, teim... e não te mostrei minhas bonecas... **(IRA, fem, fund. I, mais velha)**
- (4) Nós **mud[e]mos** umas treis veiz lá pra Guarapuava, sabe? Até mais pra lá de Pinhão, sabe? Fomo, **volt[e]mo**, **volt[e]mo** embora, vol- se **mud[e]mo** de novo pra Guarapuava, porque aí ele num queriam que ficasse sozinho. **(IRA, fem, fund. II, mais velho)**

2ª conjugação

- (5) Eu, até outro dia, nós fomo na casa do tio do meu marido, porque ele mora em Concórdia, nossa! Aí nós **com[e]mos** no velório, almoçamos [velarizado] i [hes] cantum e rezum assim... **(PRU, fem, ens. médio, mais velho)**
- (6) Na verdade, na Quaresma ali, a gente, como agora pode ter carne, o nosso costume é ansim, nas quarta e sexta-feira, nós num **com[e]mo** carne. **(REB, mas, fund. I, mais velho)**
- (7) [sobre como era antigamente] Então, era sufrido. Nós **sufr[i]mo**. **(REB, mas, fund. I, mais jovem)**
- (8) Os professores, na época que eu estudava, professores rigorosos, mas, pelo menos, nós **aprend[e]mos** coisas boas e valorizamos hoje tudo isso que nós **aprend[i]mos**. **(CRU, mas, fund. II, mais velho)**

³ Os municípios onde foram feitas as entrevistas estão localizados na mesorregião sudeste do Paraná e são os seguintes, com suas respectivas abreviaturas: Irati (IRA), Prudentópolis (PRU), Ivaí (IVA), Cruz Machado (CRU), Rebouças (REB), Rio Azul (RIO) e Mallet (MAL).

⁴ Todos os dados apresentados neste artigo trarão estas informações, conforme a estratificação do banco-base do VARLINFE: município, gênero (feminino e masculino), grau de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio) e faixa etária (mais jovem e mais velho).

É possível observar que a variação entre as vogais ocorre, inclusive, em proximidade numa mesma frase de um mesmo informante, como se pode ver em (8), quando o sujeito produz “aprendemos” e, logo na sequência, “aprendimos”. Além disso, o fato de ambas as ocorrências serem produzidas com o sufixo *mos* – sem a supressão de /s/ – é um indício de que o uso não padrão possa ocorrer até mesmo em contextos de fala monitorada, pois o uso de /s/ no sufixo número-pessoal é pouco usual até mesmo em variedades cultas, aparecendo em falas mais monitoradas.

Parece-nos que e o uso de /e/ em 1^a conjugação e de /i/ em 2^a conjugação consiste numa característica intrínseca a comunidades de fala rurais. Mas essa constatação já havia sido feita por Amaral (1920) ao descrever tal fenômeno como típico do “dialeto caipira”, e também aparece em descrições de outros pesquisadores que o reconheceram como característico a variedades rurais no Brasil (Frosi, Mioranza, 1983; Costa, 1990; Bortoni-Ricardo, 2005, 2011; Naro, Scherre, 2007; Pereira, 2016; Pereira e Margotti, 2018) e em Portugal, numa variedade menos recente do português moderno – séculos XIX e XX (Vasconcelos, 1970 [1901]).

Assim, em consideração a esse ponto crucial da ruralidade, embora a variabilidade das formas linguísticas seja um aspecto essencial à nossa investigação – especialmente por se tratar de uma pesquisa no âmbito da TVM (Teoria da Variação e da Mudança) – priorizamos aqui um ponto que ainda está sendo pouco explorado na área: a *manutenção linguística* e o *conservadorismo linguístico*. Como afirmam Ribeiro e Lacerda (2013, p. 91), a mudança linguística tem sido foco dos estudos sociolinguísticos, mas “o tratamento da *não mudança* não se deu com a mesma intensidade. Assim, na maior parte dos estudos brasileiros, a *não mudança* (conservadorismo linguístico ou manutenção linguística) ficou em segundo plano”.

Nesse contexto, ao considerarmos que estudos com essa temática se fazem essenciais, procuramos trazer uma proposta de análise que considere a variável independente ‘grau de ruralidade’ (construída especificamente para a pesquisa quantitativa sobre /emo/ e /imo/) e é medida por critérios puramente linguísticos, que podem ser captados mediante entrevistas orais gravadas. Ou seja, a variável linguística construída leva em conta outras características linguísticas que são denominadas como “rurais” por linguistas portugueses e brasileiros.

O objetivo é que o pesquisador possa utilizá-la como um instrumental metodológico, bem como estabelecer relações entre seu fenômeno linguístico, características rurais e o conservadorismo linguístico. Tal variável independente é aplicada num estudo

quantitativo no âmbito da Teoria da Variação e da Mudança (cf, Labov, 2008 [1972], 1982, 1994; Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Guy, 1981, 2000) sobre a alternância vocálica não canônica na primeira pessoa do plural no presente e pretérito perfeito do indicativo, procurando testar se o uso não canônico apresentaria mais significância em informantes com nível maior de ruralidade.

Dessa forma, este estudo se justifica por se direcionar a contribuir para pesquisas no âmbito da Sociolinguística, Dialetologia e Linguística Histórica voltados a variedades rurais e à questão (ainda em coadjuvância) da *manutenção linguística*. Esperamos também que nossas discussões relativas à alternância vocálica precedente a /mos/ em associação às “ilhas de conservadorismo linguístico” sejam fecundas no campo dos estudos históricos da língua, em busca do fortalecimento da tese de Naro e Scherre (2003) sobre “ilhas de conservadorismo linguístico” que mantêm, por períodos de tempo consideráveis, usos de fenômenos da língua fora do padrão, os quais são encontrados hodiernamente, mas também em séculos anteriores (como XIX e XX, por exemplo).

Isso posto, aqui estão as questões primordiais que guiam esta pesquisa:

- (i) É possível relacionar a variável ‘grau de ruralidade’ com “ilhas de conservadorismo linguístico”, isto é, a ruralidade linguística e o conservadorismo na língua estão intrinsecamente ligados?
- (ii) Se um fenômeno linguístico, embora divirja da norma padrão da língua portuguesa (e, portanto, não é ensinado na escola, nem propagado pela mídia e outros meios), aparece em dados do português dos séculos XIX e XX, mas também em dados atuais do português brasileiro, *como e por que* tem atravessado séculos e continua sendo encontrado em variedades brasileiras? Poderia, então, ser considerado como algo característico a “ilhas de conservadorismo linguístico” no Brasil?
- (iii) De que maneira uma descrição linguística mais ampla num estudo quantitativo pode ajudar o pesquisador a perscrutar melhor o fenômeno linguístico que é foco de análise e classificá-lo como rural (ou não)?

A fim de responder a esses e outros questionamentos, este artigo está assim organizado: após a primeira seção (da Introdução), na qual apresentamos o objeto de pesquisa, o objetivo geral, as questões norteadoras e a justificativa, está a segunda seção, “Ilhas de conservadorismo linguístico: características gerais”, a qual busca definir o conceito de *ilhas de conservadorismo linguístico* e sua relação com a *manutenção linguística*.

Na terceira seção, com o título “‘Grau de ruralidade’: uma variável linguística complexa para o estudo de fenômenos linguísticos rurais”, é apresentada a proposta de uma variável construída para estudos quantitativos focados em variedades rurais. Testamos o ‘grau de ruralidade’ a partir de um estudo sociolinguístico do fenômeno variável da alternância vocálica feito em localidades rurais do sudeste do Paraná, estabelecendo-se os devidos cruzamentos de variáveis e discussões de resultados, tanto da primeira quanto da segunda conjugação verbal.

Por fim, finalizamos com a seção das “Considerações finais”, retomando questões norteadoras já elencadas na seção introdutória.

2 Ilhas de conservadorismo linguístico: características gerais

Objetivamos tratar sobre variedades rurais no português brasileiro e sua relação com “ilhas de conservadorismo linguístico”, a fim de, após tais explanações, construir uma variável complexa linguística para o estudo de fenômenos rurais. Nesse sentido, trazemos à vista algumas especificações a respeito da fala rural.

Em relação a isso, Ribeiro (2013, p. 42, grifos nossos) elucida que:

[...] a fala rural é conservadora e desprestigiada, enquanto a fala urbana é inovadora e dotada de prestígio social. Não podemos perder de vista que o estabelecimento da variedade urbana do português brasileiro é fruto de um processo bastante divergente daquele que constituiu a variedade rural. Enquanto nesta o aprendizado foi assistemático, de “oitiva”, naquela houve, inicialmente, grande influência da escola, com seu caráter normatizador e, posteriormente, de um forte papel unificador desempenhado pela mídia. Essa diferença foi fundamental na formação do português brasileiro e ainda o é pelo que se pode perceber na diversidade linguística em nosso país.

Também Amaral (1920) já havia descrito minuciosamente a variedade rural do português: “o nosso falar caipira – bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta.” (Amaral, 1920, p. 1).

Porém, o pesquisador parece ter sido enganado quando afirmou que “este [dialeto caipira] acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares.” (Amaral, 1920, p. 2). Passados mais de cem

anos desde que Amaral (1920) fez tal afirmação, os fenômenos linguísticos descritos por ele em 1920 continuam a aparecer em comunidades rurais do Brasil, como é o caso da alternância vocálica de /amo/ ~ /emo/ e /emo/ ~ /imo/, por exemplo.

Ademais, alguns deles aparecem igualmente na *variedade rurbana*, que está no *intermezzo* entre rural e urbano, sendo descrita por Bortoni-Ricardo (2011) como um *continuum* que perpassa os dois espectros (de urbanidade e ruralidade). De modo similar, o fenômeno da alternância vocálica também foi encontrado e descrito por Bortoni-Ricardo (2005; 2011) em uma comunidade rurbana de Brasília.

Verificamos hoje, nos anos 2020, a permanência e manutenção da variedade rural em localidades diversas no Brasil e também a *manutenção linguística* de fenômenos que pareciam estar fadados ao desaparecimento (cf. Amaral, 1920), mas sobreviveram firmes e fortes na contemporaneidade. Nesse contexto, concordamos com Naro e Scherre (2007) ao afirmarem que a manutenção linguística ocorre porque as áreas rurais apresentam um grau de isolamento maior, em oposição aos grandes centros urbanos, fazendo delas *ilhas de conservadorismo* em que formas arcaicas do português europeu teriam se mantido (e fidelizado).

Enquanto as comunidades urbanas têm uma característica mais cosmopolita e, por consequência, parecem estar mais abertas a inovações linguísticas, as comunidades rurais brasileiras apresentam certo isolamento geográfico, o qual resulta num isolamento também linguístico, que lhes permite manter formas arcaicas da língua, inclusive as trazidas de um português europeu. Nessa direção, Melo (1946, p. 91) já asseverava: “a nossa língua popular, falando-se de um modo geral, é substancialmente o português arcaico deformado [sic], ou se quiserem, transformado em certo aspecto da morfologia e alguns da fonética pela atuação dos índios e dos negros.”

Também Elia (1975, p. 209) acreditava que a “característica dos nossos falares é [...] a *arcaicidade*. De fato, o português do Brasil se aproxima bastante da maneira de falar do português quinhentista”. De modo similar, a pesquisadora portuguesa Cardeira (2006), menciona a existência de inúmeros *arcaísmos* existentes no Brasil, os quais estão presentes em âmbitos fonético-fonológico, morfológico, prosódico, sintático e lexical. Em decorrência de uma *tendência arcaizante* do português brasileiros, muitas variantes já suplantadas no português europeu ainda ocorrem em regiões do interior brasileiro.

Precisamos enfatizar também que, além da tendência de manutenção de fenômenos linguísticos mais antigos no português, as ilhas de conservadorismo mantêm, outrossim, outros elementos em conservação, como os costumes, tradições, aspectos culturais

e, até mesmo, outras línguas que foram trazidas por imigrantes de outros países (além de Portugal) em certas regiões do Brasil.

Um exemplo de conservação de sua(s) língua(s) de imigração é o da comunidade pesquisada por Vandresen (2009), localidade em que o Pomerano manteve-se por décadas e passou por um apagamento linguístico ínfimo, se comparado, por exemplo, a comunidades urbanas que falavam essa língua, mas deixaram de falá-la. Como afirma Vandresen (2009):

Esta atitude ou **lealdade linguística** ao Pomerano tem garantido sua manutenção, graças à localização da comunidade dentro de uma **ilha linguística Pomerana**, em que praticamente todas as pessoas são bilíngues e, por exercerem atividades agrícolas, suas redes de comunicação são fechadas e densas, favorecendo a resistência a forças inovadoras, como a troca pelo português. Como vimos nos dados, mesmo na faixa de 25 aos 50 anos, prevalece o uso do dialeto pomerano no lar, apesar de esta geração e a mais velha (mais de 51 anos) terem frequentado escolas em língua portuguesa. Desta forma, o **isolamento geográfico** explica, em parte, os padrões de escolha das línguas, em função dos interlocutores. (Vandresen, 2009, p. 11, grifos nossos).

Outra comunidade bilíngue que apresenta essa mesma característica de isolamento é a comunidade ucraniana de Dorizon, que foi estudada por Wouk (1981). Segundo a pesquisa feita, “a comunidade continua vivendo relativo isolamento geográfico e cultural, o qual se vê reforçado pela organização familiar, através dos casamentos quase sempre endogâmicos”. (Wouk, 1981, p. 64). Assim, o que possibilita a conservação/manutenção linguística, tanto do português (língua da localidade) quanto do ucraniano (língua de imigração), é o seu isolamento.

E, quando se fala em *isolamento*, é preciso ressaltar que ele está relacionado não só no âmbito geográfico, mas também no relacionamento entre os sujeitos da comunidade, além do seu índice de localismo e de mobilidade. Por isso, ao se tratar sobre isolamento de comunidades, os estudos sobre redes sociais (Cf. Milroy, 2002) são cruciais. Justamente nessa direção. Bortoni-Ricardo (2011, p. 135, grifos nossos) assegura que:

As redes isoladas tendem a favorecer a manutenção da cultura rural e, portanto, a focalização do vernáculo. Exibem um alto grau de densidade consensual ou moral que funciona como um mecanismo de resistência à mudança. Tal resistência não opera necessariamente ao nível da consciência, *i.e.*, a resistência pode não ser uma atitude consciente motivada por um tipo de oposição intergrupal aguda e conflitiva, frequentemente encontrada nos países industriais ocidentais. Pelo

contrário, é consequência do próprio estado de isolamento. A função de reforço mútuo tende a ser menos influente em redes integradas.

Desse modo, a densidade das redes sociais estabelecidas numa comunidade está igualmente relacionada ao isolamento dessa comunidade. De acordo com Ribeiro (2013, p. 28): “logo, associando as definições de Milroy (1980) às de Bortoni-Ricardo (2011), as redes isoladas tendem a ser densas e multiplex [multiplexas], enquanto as redes integradas são frouxas e uniplex [uniplexas]”.

Assim como Ribeiro (2013), consideramos que *manutenção linguística* e *conservadorismo linguístico* sejam sinônimas, considerando que existe uma prevalência da utilização de variantes conservadoras nas comunidades rurais, que se constituem em “ilhas de conservadorismo linguístico”. Nessa lógica, as comunidades com maior isolamento linguístico teriam uma tendência maior para o uso de variantes conservadoras/arcaicas.

[...] evidencia-se que a divisão geográfico-social da história de nosso país está atrelada à história da nossa língua. Nesse sentido, o fato de o Brasil ter sido “um país essencialmente rural” no período colonial e hoje se configurar como “um país eminentemente urbano” se reflete na polarização linguística rural/urbana que se evidencia no português brasileiro atual, em função de um “conjunto de duas épocas estratificadas”. Da mesma forma – e como consequência –, os espaços geográfico-sociais, polarizados em função da história do nosso país, tendem a refletir o perfil linguístico conservador/inovador, embora, para essa caracterização, seja preciso levar em consideração, também, a influência da mídia e da escola. (Ribeiro, 2013, p. 37).

As comunidades rurais do Brasil, portanto, apresentariam características não apenas geográficas de isolamento, mas também históricas, linguísticas, sociais e culturais. Destarte, fenômenos linguísticos com tendências ao desaparecimento em comunidades urbanas mais suscetíveis às mudanças linguísticas podem traçar um caminho bastante inverso em comunidades rurais: no viés do conservadorismo/manutenção linguística. Acreditamos que seja esse exatamente o caso da alternância vocálica precedente a /mos/ no português brasileiro.

Como já mencionado, o uso de /emo/ e /imo/ está relacionado ao contexto rural, e isso já foi demonstrado em diversas outras pesquisas⁵ (cf. Amaral, 1920; Bortoni-Ricardo, 2005, 2011; Frosi e Mioranza, 1983; Costa, 1990; Naro, Scherre, 2007, Pereira e Margotti, 2018). Mas outro ponto que não pode ser desconsiderado é que dados de uso de /emo/ e /imo/ foram registrados não apenas em Amaral (1920), mas também na tese

⁵ Por uma questão de concisão e foco, não tratamos de todas essas pesquisas neste artigo. Mas o leitor pode ter acesso a elas conforme as nossas referências.

do dialetólogo Vasconcelos (1901) ao descrever o português de comunidades rurais no final do século XIX em Portugal. Naro e Scherre (2007) já sinalizaram que traços linguísticos do português europeu não-padrão podem ser vistos no português brasileiro, e citam o uso de *-êmos* ao invés de *-amos*, com base em portugueses como Braga (1971) e Cruz (1991). Os linguistas brasileiros defendem haver uma confluência de formas não-padrão que ocorrem no português europeu e no português brasileiro rural.

Além disso, também Foeger (2014), baseada em Braga (1971) e Naro e Scherre (2007), relacionou a hipótese de Naro e Scherre (2007) com a existência de dados não canônicos obtidos em seu córpus (*estudemo*, *aprendimo* e *fumo*) cujo tema principal era a alternância dos pronomes *nós/a gente* e a aplicação da concordância verbal de primeira pessoa do plural:

É interessante observarmos que esse é um traço verificado na variedade popular do PE, como notado por Naro e Scherre (2007). Os autores localizam em terras lusitanas “a origem de estruturas linguísticas portuguesas não-padrão, que em função de uma confluência de motivações, se ampliaram e se tornaram visíveis em terras hoje brasileiras” (Naro; Scherre, 2007, p. 23). **Partindo desse pressuposto, podemos pensar na elevação da vogal temática em verbos de primeira conjugação na 1PP como uma herança do português popular europeu que ainda se conserva na área rural do Brasil.** (Foeger, 2014, p. 140, grifos nossos).

Não podemos nos deter nesses registros e sua relação com o português europeu neste artigo, mas supomos que, conforme Melo (1946, p. 117), “a ‘língua brasileira’ é muito ‘portuguesa’ demais”, no sentido de que muitos fenômenos linguísticos não padrão localizados em Portugal encontram-se “conservados” em variedades rurais do Brasil. Nesse sentido, em ancoragem à defesa de Naro e Scherre (2007), bem como no estudo de Svobodová (2017) e nas explanações de dialetólogos portugueses (Vasconcelos, 1901; Delgado, 1951; Moura 1960; Santos, 1967; Oliveira, 1966; Baptista, 1967; Cruz, 1969; Carrancho, 1969; Braga, 1977; Maia, 1977; Garcia, 1979; Gonçalves, 1988; Alves, 1993; Faria, 1999; Florencio, 2001; Simão, 2011), supomos, neste artigo, que a alternância vocalica precedente ao SNP /mos/ no presente e pretérito perfeito possa ter suas raízes no português europeu. Mas como podemos estabelecer essa relação se ainda não pudemos captar (a partir de estudos precedentes) como emerge este uso na língua?

Por falta (ainda) de uma recuperação histórica pontual da emergência desse fenômeno na língua, o que não nos permite traçar uma linha temporal, diacrônica, que revele detalhadamente o surgimento desse fenômeno e sua manutenção/conservação ao longo dos séculos, esta pesquisa se detém em como verificar o conservadorismo linguístico com base em evidências apenas sincrônicas.

Expliquemos melhor: as similaridades entre os registros de dados em Portugal e no Brasil é o aspecto da ruralidade, isto é, se as pesquisas mostraram que o uso de /emo/ e /imo/ está intrinsecamente relacionado a variedades rurais, as quais, por sua vez, costumam ser conservadoras, estabelecer concatenações entre fenômenos linguísticos conservadores e a ruralidade se faz primordial.

Com esse objetivo e buscando aprimorar as pesquisas linguísticas sincrônicas que tratam de fenômenos já registrados em séculos passados, a próxima seção tem como foco a ruralidade e uma proposta de instrumental metodológico de viés quantitativo e qualitativo para estudos sociolinguísticos voltados a fenômenos rurais/conservadores e à manutenção linguística.

3 ‘Grau de ruralidade’: uma variável linguística complexa para o estudo de fenômenos linguísticos rurais

Defendemos haver uma relação intrínseca entre fenômenos linguísticos conservadores e a ruralidade, mas como podemos atestar essa relação numa pesquisa de âmbito sincrônico, que não dispõe de dados em distintos recortes temporais para se fazer uma comparação? Ou seja, como um pesquisador sociolinguista consegue verificar se o fenômeno linguístico em análise é de fato conservador na língua, se ele não possuir a seu dispor dados que lhe permitam mostrar *mudança* (ou *manutenção*) linguística em tempo real ou mesmo em tempo aparente⁶?

Respondemos essa questão argumentando, neste artigo, que é possível verificar indícios de conservadorismo linguístico analisando-se, de modo mais qualitativo, a fala dos informantes por meio de um mapeamento de outros fenômenos da língua que são considerados rurais.

Assim, primeiramente trazemos à vista um arrolamento de usos linguísticos que estão associados à ruralidade, para, na sequência, sistematizar um quadro de análise que, posteriormente, é usado na oitiva de entrevistas de informantes, a fim de fazer um levantamento geral de uso dos fenômenos elencados, classificando o informante em um nível de ruralidade.

3.1 Definições metodológicas: a construção de níveis de ruralidade

Existem fenômenos nitidamente idiosincráticos a variedades rurais conforme Amaral (1920), Rodrigues (1975), Penha (1974), Elia (1975), Head (1978), Bortoni-Ricardo (2011) e Ribeiro (2013). De acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p. 59), “as variedades caipiras exibem um alto nível de uniformidade em suas características fono-

⁶ Nossa amostra não permite fazer estudos de mudança em tempo aparente, porque o banco VARLINFE está estratificado em duas faixas etárias, segundo o mesmo padrão do primeiro banco de dados do VARSUL na década de 1990.

lógicas e morfonêmicas, o que é comprovado pela extensa comparação de descrições de falares rurais fornecida por Elia (1975)."

Com base nisso, elencamos um conjunto de características linguísticas nitidamente rurais conforme a descrição de linguistas e também levando em consideração que seriam facilmente reconhecíveis como rurais por falantes do português.

Ribeiro (2013), descrevendo a concordância verbal e nominal em uma comunidade linguística do interior de Minas Gerais, faz um pequeno compilado deste teor, o qual tomamos por base num primeiro momento:

- a) No nível fonético: nasalização do /i/ (igual>ingual, igreja>ingreja); perda de nasalização da vogal átona final (virgem>virge); síncope (cócega>cosca); inversão do /w/ (tábuia>tauba); redução dos ditongos (baixo>baxo, autoridade>otoridade); vocalização da palatal /ʎ/ (filha>fia) ou hipercorreção (alfaiate>arfalhate); permuta de /l/ > /r/ e /v/ > /b/ (problema>prorema; verruga>berruga); apagamento de diferentes segmentos sonoros (pode>pó, perto>per, como é>cumé, com a >ca, dentro da>denda, para>pa/prá, pra você>procê); etc. b) No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal (os livros>os livro); ausência ou pouco uso do subjuntivo (ame>amá); prevalência da desinência de terceira pessoa do singular no uso dos verbos, exceto na primeira pessoa do singular (eu amo, tu/você/ ocê, cê ama, ele/ei ama, nós ama, voceis/ôceis/ceis ama, eles/ eis ama), o que resulta na ausência de concordância verbal; alteração fonética das desinências do pretérito perfeito do indicativo (foram> foru; andaram>andaru); etc. c) No nível sintático: emprego dos pronomes retos como acusativo (ele viu nós na casa; não vi tu lá); etc. (Ribeiro, 2013, p. 39-40).

Dentre todas essas particularidades mencionadas, as de nível fonético aparecam ser as mais salientes às variedades rurais, sendo uma delas mencionada por Bortoni-Ricardo (2011, p. 77): "a vocalização do /ʎ/ tornou-se um claro estereótipo caipira no sentido usado por Labov (1972, p. 180). No processo de urbanização, os migrantes rurais parecem tornar-se logo conscientes do estigma associado com a variável e muitas vezes recorrem a hipercorreções [...]. Ademais, a vocalização da lateral alveopalatal (*despalatalização* ou *yeísmo*), é caracterizada como rural também por Amaral (1920), Elia (1975), Rodrigues (1975) e Penha (1974).

Seria esse, então, um traço importante para considerarmos em nosso rol de fenômenos rurais. Os outros pontos foram igualmente pensados com base nas descrições dos dialetólogos já mencionados. Com base em todos esses estudos, sistematizamos o quadro a seguir, que servirá como base para a definição do ‘grau de ruralidade’ de cada informante:

Quadro 1: Fenômenos linguísticos característicos de variedades rurais

CARACTERÍSTICAS DA VARIEDADE RURAL

Fenômenos linguísticos	Exemplos	Pesquisadores que o citam
Vocalização da lateral palatal [ʎ]	Palhaço – <i>paiaço</i> Falha – <i>faia</i> Filha – <i>fia</i>	Amaral (1920), Rodrigues (1975), Penha (1974), Elia (1975) e Bortoni-Ricardo (2011)
Nasalização de vogal que não antecede segmentos nasais	Igreja – <i>ingreja</i> Igual – <i>ingual</i> Eleição – <i>inleição</i>	Amaral (1920), Rodrigues (1975), Penha (1974), Elia (1975) e Bortoni-Ricardo (2011)
Rotacismo (permute de [l] para [r])	Planta – <i>pranta</i> Bloco – <i>broco</i> Volta – <i>vorta</i>	Amaral (1920), Rodrigues (1975), Penha (1974) e Bortoni-Ricardo (2011)
Permuta de fricativa labiodental sonora [v] em oclusiva bilabial sonora [b] e vice-versa	Travesseiro – <i>trabis-sero</i> Bravo – <i>brabo</i>	Amaral (1920), Penha (1974) Ribeiro (2013)
Prótese do -a- em vocábulos que iniciam por consoante ou aférese (queda) do -a-	Divertir – <i>adivertir</i> Voar – <i>avoar</i>	Amaral (1920), Penha (1974), Elia (1975) e Bortoni-Ricardo (2011)
Rótico pertencente ao rol dos retroflexos em coda e onset silábicos – tepe retroflexo [ʈ] e aproximamente retroflexo [ɻ]	Cor – ['kor]	Amaral (1920), Rodrigues (1975), Head (1978)

Fonte: Pereira (2021, p. 192)

A criação desse quadro é a base do instrumental metodológico para aplicação em pesquisas acerca de fenômenos linguísticos rurais. O objetivo é utilizá-lo para demarcar o grau de ruralidade em que cada informante da pesquisa estaria, conforme o mapeamento de uso dessas características. A partir do parâmetro desse quadro, são arquitetados três graus de ruralidade linguística: *baixo* (com três ou menos características mapeadas); *médio* (de três a cinco); e *alto* (de cinco a seis).

Assim, na oitiva das entrevistas, havendo a presença de um vocábulo que contempla cada fenômeno linguístico ali elencado, é preciso anotar no quadro a sua ocorrência. Ao fim da entrevista, o pesquisador contabiliza quantos fenômenos rurais foram mapeados e classifica o informante conforme o ‘grau de ruralidade’ alcançado.

Depois dessa classificação, esse detalhamento é incorporado à codificação das variáveis independentes linguísticas da análise sociolinguística, a qual, por sua vez, passa pelo programa GOLDVARB numa análise multivariada, de acordo com o que se tem feito no Brasil nas pesquisas pautadas na Teoria da Variação e da Mudança.

Com isso, o objetivo é que o ‘grau de ruralidade’ atue como uma variável independente de caráter mais qualitativo, pois é preciso ouvir e descrever minuciosamente as entrevistas sociolinguísticas para captar o fenômeno que constitui a variável dependente (neste caso, alternância vocálica precedente a /mos/) que é foco de pesquisa, mas também ter ouvidos atentos às seis peculiaridades linguísticas complementares à pesquisa, componentes do quadro.

Passemos, pois, aos resultados obtidos com o uso deste instrumental metodológico do ‘grau de ruralidade’ em aplicação à variação vocálica precedente a /mos/.

3.2 Mapeando resultados: a aplicação da variável ‘grau de ruralidade’ no estudo da alternância vocálica precedente a /mos/ em verbos de primeira e segunda conjugação

Antes da aplicação da variável em questão, cabe explicitar as características básicas do banco VARLINFE (Variação na fala eslava), pertencente à UNICENTRO (câmpus Irati), que constituiu a composição de nossa amostra. A característica principal do banco é a sua particularidade eslava, isto é, os informantes conheciam, falavam e/ou escreviam em algum grau, as línguas polonesa e/ou ucraniana.

Para além disso, trata-se de um banco de característica rural composto por 168 entrevistas de aproximadamente 1 hora. Os entrevistadores utilizaram um roteiro de perguntas e gravador, tendo se deslocado para comunidades rurais de difícil acesso, bem como relativamente distante de áreas urbanas (cf. Costa; Lorean-Penkal, 2015), o que revela, já neste aspecto, o nível de *isolamento* das comunidades entrevistadas. O banco apresenta 7 municípios e 24 entrevistas para cada um deles, sendo estratificado confor-

me os padrões na área da sociolinguística no Brasil, de modo similar ao banco-base do VARSUL.

Das 168 entrevistas, foram coletados 1.858 dados, do fenômeno linguístico da alternância vocálica sendo que somente 227 ocorrências foram de 2^a conjugação, ao passo que 1.631 foram de 1^a conjugação. A discrepância considerável em relação ao número de ocorrências (88% do córpus em 1^a conjugação, e 12% em segunda) se dá pela produtividade mais abundante dos verbos de 1^a conjugação na língua portuguesa

A fim de detalharmos melhor os resultados de pesquisa e também considerando como foram feitas as rodadas estatísticas no programa GOLDVARB-X, apresentamos primeiramente os resultados de primeira conjugação (com as variantes /a/ ~ /e/) e, na sequência, os resultados de segunda conjugação (com as variantes /e/ ~ /i/).

Em ambas as conjugações, a variável ‘grau de ruralidade’ foi selecionada como significativa no que se refere ao fenômeno da alternância vocálica, revelando sua importância no estudo do fenômeno variável rural citado. Portanto, acreditamos que tal variável possa ser bastante útil no estudo de outros fenômenos linguísticos rurais/conservadores.

3.2.1 Análise de 1^a conjugação: as variantes canônica /a/ e não canônica /e/ em foco

Dos 1.631 dados de 1^a conjugação coletados, houve 900 ocorrências da variante canônica /a/ (55,2%) e 731 da variante não canônica /e/ (44,8%), mostrando que a variante canônica ainda prepondera na comunidade linguística, embora o uso não canônico seja bastante considerável.

Sobre a variável independente ‘grau de ruralidade’, o programa GOLDVARB-X selecionou-a na segunda posição, perdendo apenas para a variável ‘TMA’ (tempo-modo-aspecto), o que demonstrou sua altíssima significância.

Tabela 1: Efeito da variável ‘grau de ruralidade’ sobre a aplicação do fenômeno morfológico da alternância vocálica de /a/ para /e/

VARIÁVEL	CATEGORIAS	Apl./tot.	%	PR
Grau de ruralidade	Baixo	27/155	17.4%	0.155
	Médio.	225/570	39.5%	0.379
	Alto	479/906	52.9%	0.646
	TOTAL	731/1631	44,8%	

Input: 0.250
Log likelihood = -446.771
Significance = 0.011

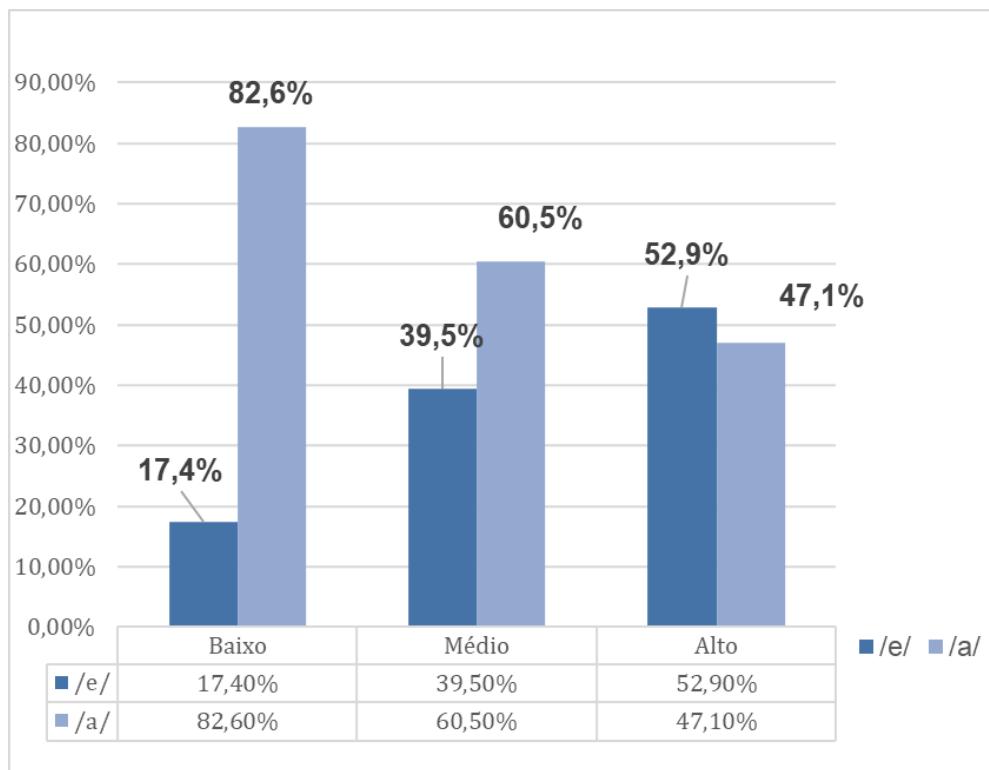
Fonte: Pereira (2021, p. 343)

As 479 ocorrências da variante não padrão /e/ em relação ao grau alto de ruralidade, comparando-se ao número baixíssimo de apenas 27 ocorrências de tal variante nos casos de grau baixo de ruralidade já revelam que existe uma forte tendência dos informantes com grau alto utilizarem formas verbais não padrão como *cantemo*, *falemo*, entre outros. Porém, conforme o grau de ruralidade diminui, o uso dessas formas também se torna ínfimo, mostrando que o ‘grau de ruralidade’ tem forte influência para o uso não canônico da alternância vocálica.

Além disso, o peso de 0.646 associado ao grau alto de ruralidade deixa ainda mais evidente a significância para o uso de /emo/ na primeira conjugação, da mesma forma como os pesos relativos de 0.155 e 0.379 estarem relacionados, respectivamente, aos graus baixo e médio evidenciam que os falantes com grau mais baixo ainda optam majoritariamente pelos usos mais padrão, prestigiados e menos rurais.

O gráfico a seguir mostra mais claramente a curva ascendente do uso de *emo* conforme cresce o grau de ruralidade do informante:

Gráfico 1: Porcentagens das variantes /a/ e /e/ conforme ‘grau de ruralidade’ em 1^a conjugação



Fonte: Pereira (2021, p. 344)

Tendo sido expostos os resultados quantitativos a que chegamos, fazemos uma análise qualitativa a partir do ‘grau de ruralidade’. Um perscrutamento mais fino dos dados mostrou o seguinte: os informantes que mais produziram dados não canônicos, os quais são considerados rurais, foram justamente os que apresentaram maior grau de ruralidade. Isso pode ser visto no quadro a seguir:

Quadro 2: Dados de características da variedade rural com base em um informante com ‘grau de ruralidade’ alto

Fenômenos linguísticos	Exemplo	Utilizou?
Vocalização da lateral palatal [ʎ]	Palhaço – paiaço	<i>Famia, oiada, baruio, trabaio- so, veia, joeio, mio, assoaio, muié, coeio</i>
Nasalização da vogal que não antecede segmentos nasais	Igreja – <i>ingreja</i>	<i>Inducido Indaí (e daí), ingreja, inguar (igual)</i>
Rotacismo (permuta de /l/ para /r/)	Planta – <i>pranta</i>	<i>Argum, arguma, prantava, cumpricado, facurdade</i>
Permuta de fricativa labiodental sonora [v] em oclusiva bilabial sonora [b] e vice-versa	Travesseiro – <i>trabissero</i>	<i>Venzê, venzido</i>
Prótese do -a- em vocábulos que iniciam por consoante ou aférese (queda) do -a-	Divertir – <i>adi- vertir</i>	<i>adirubá (derrubar, sem afri- cada)</i>
Rótico pertencente ao rol dos retroflexos em coda e onset silábicos – tepe retroflexo [ɭ] e aproximante retroflexo [ɿ]	Cor – ['koɭ]	<i>Forte, moderna, governo</i>

Fonte: Pereira (2021, p. 346)

O informante em questão era da cidade de Irati, de gênero masculino, com ensino médio completo e mais jovem, tendo apresentado alto grau de ruralidade justamente por contemplar, com variados exemplos, todas as 6 características rurais que constam no quadro de ruralidade. Já no que diz respeito ao fenômeno da alternância vocálica, o sujeito entrevistado produziu 20 dados, sendo apenas 2 deles com a variante canônica, ou seja, apenas 10% de uso da variante padrão.

Isso pode ser confirmado em trechos de sua fala:

- (9) [sobre uma história de infância quando colocaram uma lata com fogo dentro da sala de aula para se esquentar] Entrevistador: Mais e daí? Fizeram o que ca- ca lata?
Entrevistado: Puis i daí fomo [inint] **taqu[e]mo** água **apagu[e]mo** as brasa i **jogu[e]mo** pra fora, né? Vai fazê o que co aquilo lá, né? (**IRA, mas, ens. médio, mais jovem**)
- (10) Daí peguei comprei uns negócio de boracharia e fiquei daí. [est] Daí até **pens[e]mo** de- de- de- de arumá outro serviço e saí, ma daí, ah, já me estacionei por aqui e... (**IRA, mas, ens. médio, mais jovem**)
- (11) Daí já o piá-, o piá já começô a trabaíá em Iriti, né? [est] Aí num **procur[e]mo** outra coisa. (**IRA, mas, ens. médio, mais jovem**)

Além do uso considerável da variante não canônica e dos fenômenos linguísticos presentes no quadro que propusemos, há outros elementos a se ressaltar, como o uso de tepe em “borracharia”, o alçamento vocálico de /o/ em “pois”, além do item lexical “piá”, que é bastante comum à realidade linguística do sul paranaense. Outro ponto a se destacar e que não pode ser deixado de lado é que tal informante apresenta grau de escolaridade III (Ensino Médio), e isso revela que, ao tratarmos de comunidades rurais, considerar apenas a variável ‘escolaridade’ para averiguar o uso de formas canônicas e não canônicas deve ser questionado.

Algumas informações extras também se fazem necessárias, como: outro informante desta mesma cidade com grau bastante alto produziu 19 dados, sendo, dentre eles, 17 da variante não canônica /e/ e apenas 2 da variante canônica /a/. Com base neste levantamento, podemos perceber que o uso do ‘grau de ruralidade’ possibilita mostrar caminhos cada vez mais nítidos para a identificação de variantes rurais e conservadoras. Um resultado similar pôde ser verificado nos resultados de 2^a conjugação, conforme descrito na subseção a seguir.

3.2.2 Análise de 2^a conjugação: as variantes canônica /e/ e não canônica /i/ em foco

Dos 227 dados coletados na 2^a conjugação, houve 110 ocorrências da variante canônica /e/ (48,5%) e 117 da variante não canônica /i/ (51,5%), ou seja, o uso de /imo/ foi preponderante nesta comunidade linguística, revelando a forte tendência deste uso de cunho rural.

O conjunto de dados a seguir mostra um pouco dessa realidade linguística das localidades investigadas:

(12) [sobre não terem tido aula naquele ano] **Perd[i]mo** outro ano daí. (**RIO, mas, fund. I, mais jovem**).

(13) Entrevistadora: E como é que a senhora ia então? Entrevistada: Di a pé! A pezinho... Nóis levantava seis horas e tava de a pezito lá na coloi. Não fartava aula e... uma veiz nós **perd[i]mo** essa vez foi... hoje em dia não... cinco minuto nós atrasemo, nós vortemo de Gonçalves Júnio pra num entrá que tinha vergonha de entrá, que nós tava atrasado cinco minuto na iscola. (**IRA, fem, fund. II, mais jovem**)

(14) Entrevistadora: E a senhora não sabe lê? Entrevistada: Em ucraniano? Sei. Entrevistadora: Sabe lê também? Entrevistada: Sei. Entrevistadora: Ahm...E a senhora aprendeu em casa também? Entrevistada: É... **Aprend[i]mo** na escola. Entrevistadora: Sim. Lá com as irmãs, né? Entrevistada: Lê e escrevê, não assim tão bem, que nem ainda, até esses dia nós tava conversando ali cas mulher da igreja. Pra lê assim alto, eu me apuro, eu gaguejo, sabe? Eu leio pra mim. Não pronunciando as palavras... eu leio tudo, é, um jornal eu leio, mas, se for pra mim pronunciá as palavras, daí a gente já se perde um poco. (**IRA, fem, fund. I, mais velha**)

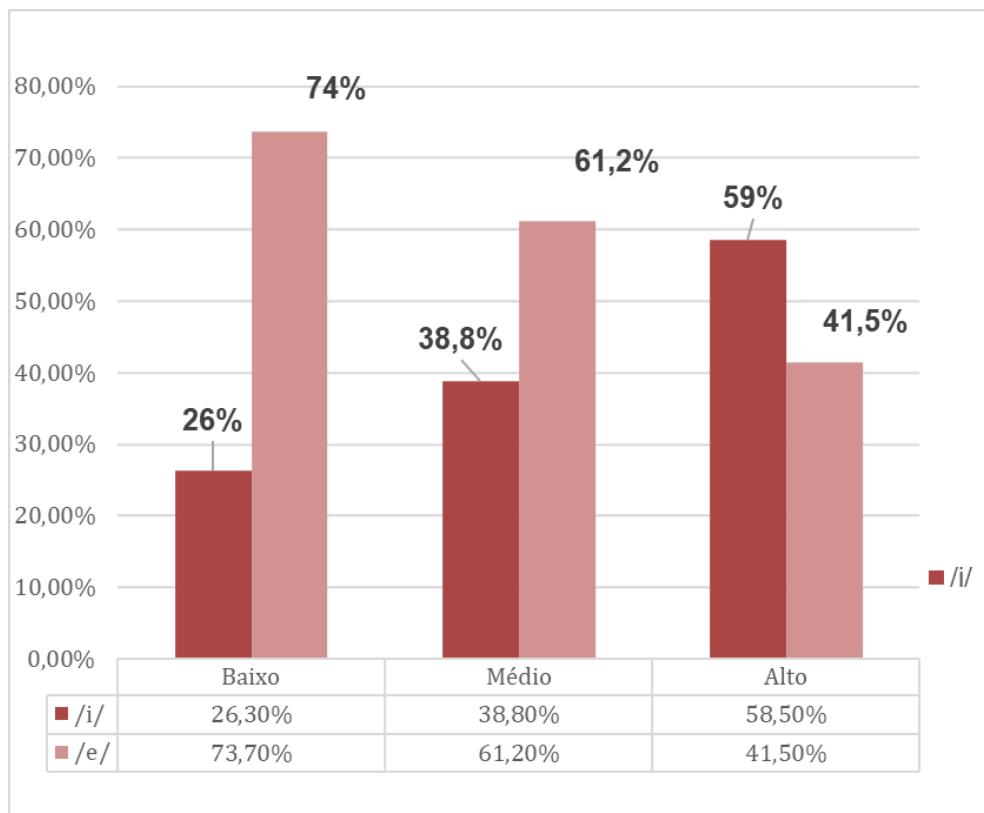
(15) Antes de aprendê o português, nós sabia rezá em ucraniano. Depois, **aprend[i]mo** a rezá em português, nunca mais [hes] rezamo em ucraniano. (**CRU, fem, ensino médio, mais velha**)

(16) Entrevistadora: E, assim, e de comida? O que que a sua vó, a sua mãe fazia que é, assim, típico ucraniano? Entrevistada: Nóis, que nós **com[i]mo**, que é o borsht, que é ucraniano, né? Entrevistadora: É uma sopa? Entrevistada: É uma sopa. (**IRA, fem, fund. II, mais jovem**)

Os trechos de fala não apenas trazem à vista os usos não canônicos, mas também evidenciam a relação de conservação linguística das línguas eslavas, mostrando, mais uma vez, a faceta conservadora da comunidade em questão. Ou seja, assim como há uma manutenção da língua eslava entre os informantes, também se mantém uma variedade da língua portuguesa rural.

A respeito da variável independente ‘grau de ruralidade’, o programa GOLDFVARB a selecionou na quarta posição, o que mostra seu grau de significância. O gráfico 2 mostra os resultados gerais obtidos:

Gráfico 2: Porcentagens das variantes /e/ e /i/ conforme ‘grau de ruralidade’ em 2^a conjugação



Fonte: Pereira (2021, p. 381)

A mesma curva de ascendência ocorrida em relação à primeira conjugação ocorre agora na 2^a conjugação, quando o uso de /i/, que é a vogal não padrão, cresce de acordo com o crescimento do grau de ruralidade. Do mesmo modo, há uma curva descendente ao mostrar o uso da variante padrão /e/ quando grau de ruralidade cresce. No ‘grau de ruralidade’ baixo, há o uso considerável de 73,7% (14 ocorrências) da variante canônica /e/, com apenas 26,3% (5 ocorrências) da não canônica /i/. Já o número de uso não canônico de /i/ aumenta no grau médio, quando há um número de 38,8% (33 ocorrências) de uso, em oposição a 61,2% (52 ocorrências) da variante canônica /e/.

A categoria de destaque no que diz respeito à nossa regra variável é o grau alto de ruralidade, em que se mostra uma porcentagem de 58,5% (72 ocorrências) de formas com a variante /i/, em contraposição a 41,5% (51 dados) da variante canônica /e/.

Com isso, assim como o que foi revelado na alternância vocálica de /a/~/e/, o grau de ruralidade alto aparece como o condicionador de uso da forma não canônica. Essa revelação se confirma com a geração dos pesos relativos na variação de /e/~/i/.

Tabela 2: Efeito da variável ‘grau de ruralidade’ sobre a aplicação do fenômeno morfofonológico da alternância vocálica de /e/ para /i/

VARIÁVEL	CATEGORIAS	Apl./ tot.	%	PR
Grau de ruralidade	Baixo	5/14	26.3%	0.438
	Médio.	33/85	38.8%	0.350
	Alto	72/123	58.5%	0.615
	TOTAL	110	48,5%	

Input: 0.428
Log likelihood = -88.509
Significance = 0.035

Fonte: Pereira (2021, p. 382)

O peso relativo de 0.615 em relação ao grau alto exibe o favorecimento dessa categoria relativamente ao uso de formas como *aprendimo*, *comimo*, *perdimo*, *vencimo*, *corrimo*, *sofrimo*, *conhecimo*, entre outras que apareceram em nosso córpus. Por outro lado, os outros pesos mais baixos evidenciam o desfavorecimento do uso não canônico nos graus de ruralidade baixo e médio.

Enfim, esses resultados deixam evidente que os usos não canônicos de /e/ em primeira conjugação e de /i/ em segunda conjugação estão altamente relacionados ao alto grau de ruralidade, constituindo-se em uma possível prova de que o uso de /emo/ e /imo/ se trate de uma característica rural.

Mas, para além disso, a relação dessa alternância com outros fenômenos linguísticos considerados rurais e descritos como surgidos num português menos recente podem dar indícios de que essas comunidades linguísticas caminham para um processo de *manutenção linguística* ou *conservadorismo linguístico*, considerando que muitos desses usos já têm sidos suplantados em comunidades urbanas, nas quais algumas mudanças linguísticas se efetuaram, mas continuam “firmes e fortes” (além de muito produtivos) em comunidades rurais no Brasil, como se pôde verificar nessas comunidades linguísticas do banco VARLINFE.

5 Considerações finais

Os dados sobre alternância vocálica obtidos nesta pesquisa revelaram suas inter-relações entre conservadorismo linguístico e ‘grau de ruralidade’, uma vez que a produção de formas não canônicas (de /emo/ e /imo/) ocorreram preponderantemente entre in-

formantes cujo grau de ruralidade era mais alto. Além disso, a parte quantitativa da pesquisa mostrou uma curva ascendente de uso das variantes não padrão de acordo com o aumento do grau de ruralidade, tanto em 1^a quanto em 2^a conjugação.

No tangente ao questionamento (i) – acerca da possibilidade de relacionar a variável ‘grau de ruralidade’ a “ilhas de conservadorismo linguístico” – alicerçamo-nos em pesquisadores que já estabeleceram conexões entre o âmbito rural e a conservação de fenômenos linguísticos menos recentes, como Naro e Scherre (2003), Ribeiro (2013) e Ribeiro e Lacerda (2013), para asseverar que há uma concatenação entre esses dois aspectos, ao passo que, por outro lado, as variedades cultas, *grosso modo*, estariam mais ligadas à escolaridade mais alta e, portanto, usos mais padrão, além de estarem mais abertos a inovações linguísticas.

A respeito da questão (ii) – sobre *como* e *por que* o fenômeno da alternância vocálica em formas verbais que contêm /emo/ e /imo/ tem atravessado séculos e continua sendo encontrado em variedades brasileiras –, acreditamos que isso ocorra devido à manutenção linguística que ocorre em “ilhas de conservadorismo linguístico” existentes em localidades rurais no Brasil. Nesses lugares, as variações e fenômenos linguísticos ocorridas num português menos recente permanecem entre os falantes, de modo a manter um falar menos moderno e mais conservador.

Contudo, em relação aos porquês da manutenção linguística de certas variantes não padrão, esta pesquisa ainda não consegue trazer respostas, não obstante possamos supor que a questão da identidade desses sujeitos possa ser um aspecto importante a se considerar para explicar tal ponto.

Por fim, no que se refere à questão (iii) – a respeito de uma descrição linguística mais ampla num estudo quantitativo que possa auxiliar o pesquisador a classificar um fenômeno linguístico como rural –, propusemos o uso da variável linguística complexa ‘grau de ruralidade’, a partir da qual é possível analisar a fala de informantes com mais detalhamento, constatando se são falantes mais (ou menos) adeptos de uma variedade rural.

Partindo da premissa de que o conservadorismo linguístico está no contrafluxo da mudança linguística, queremos fechar este texto trazendo algumas reflexões para pesquisas futuras:

- (a) Se a ruralidade está intrinsecamente ligada ao conservadorismo linguístico, o qual, por sua vez, está no contrafluxo da mudança linguística, é possível afirmar que comunidades rurais são mais resistentes a mudanças linguísticas?
- (b) Se mudanças linguísticas ocorrem mesmo em realidades em que há resistência para

o uso de novas variantes e para a mudança linguística, quais são os aspectos/ as variáveis que influenciariam na aceitação dos falantes de localidades rurais em relação a novas variantes linguísticas e a efetivação da mudança?

Almejamos, ao findar deste artigo, que a variável ‘grau de ruralidade’ possa surgir como um instrumento metodológico relevante para pesquisas na área de sociolinguística quantitativa respectivas a fenômenos linguísticos conservadores, levando-se em conta também seu aspecto qualitativo e seus possíveis direcionamentos de análise.

Referências

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1976 [1920].
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegoumu na escola e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (org.). *Anthony Julius Maro e a Linguística no Brasil: um abordagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 362-380.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; VELLASCO, A. M. de M. S.; FREITAS, V. A. de L. *O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Brasília: Editora UnB, 2010.
- CARDEIRA, Esperança. *O essencial sobre a história do português*. Lisboa: Caminho, 2006
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília - SP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Tese de Doutorado, 1968.
- CASTILHO, A. T. de. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística Romântica*. São Paulo, Ática, p. 237-285, 1992.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSTA, I. B. *O verbo na fala de campõeses: um estudo de variação*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade de Campinas, 1990.

ELIA, Sílvio. *Ensaio de Filologia Linguística*. Rio de Janeiro: Grifo, 1975.

FOEGER, Camila Candeias; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: correlação entre alternância e concordância *Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 5-17, janeiro-junho, 2017.

FROSI, V.; MIORANZA, C. *Dialectos italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Language in the Inner City: The Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 255-92, 1972.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. *Perspectives on historical Linguistics* (eds.). Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamin Publishing Company, 1982.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change – Social factors*. Cambridge: B. Blackwell, 2001.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006a.

MILROY, L. (1992). *Linguistic variation and change*. On the historical sociolinguistics of English. GB: Brasil Blackwell.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, SP, v. 20, p. 9-16, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636853>. Acesso em: 10 out. 2020.

PEREIRA, Ivelâ. Cuidamo(s) e cuidemo(s): a variação morfêmica na p4 em verbos regulares de 1ª conjugação. *Working Papers em Linguística*, v. 2, n. 14, p. 49-71, Florianópolis, ago/dez. 2014.

PEREIRA, Ivelã. A voz de polono-brasileiros: um contexto histórico sul-paranaense. *Working Papers em Linguística*. Florianópolis, 18(1): 23-45, jan./jul., 2017.

PEREIRA, Ivelã. O caso de -a-mo(s) versus -e-mo(s) e -e-mo(s) versus -i-mo(s): variação morfêmica ou especialização temporal? *Caderno Seminal Digital Especial*, nº 1, v. 1, jan-dez, 2018.

PEREIRA, Ivelã. “*O pirogue, nós aprendimo da mãe*” e “*agora nós mudemo o borsch*”: variação morfológica em comunidades rurais eslavo-brasileiras no sudeste do Paraná. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

PEREIRA, Ivelã; LEHMKUHL-COELHO, Izete; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação na concordância Verbal de nós no presente e pretérito perfeito em Verbos regulares de 1^a e 2^a conjugação: produtiva no sudeste paranaense? *Signótica*. Goiânia, v. 28, n. 2, p. 481-508, jul./dez. 2016.

PEREIRA, Ivelã; MARGOTTI, Felício Wessling. Sobre onde nós fiquemo: mapeamento diatópico de um traço rural brasileiro. *Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESDD / LALIMU*, v. 8, nº 24, mar, 2018.

VANDRESEN, Paulino. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna*. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Lingüística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 1968.

VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato: um panorama da pesquisa no Brasil. In: SAVEDRA BARRETO, M.M.G.; SALGADO, A.C.P. (Orgs.) *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. Homenagem ao prof. Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 6-16.

VASCONCELOS, J. L. de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970 [1901].

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics* 19, 1983.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. New York: De Gruiter, 1953.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: W. LEHMANN; Y. MALKIEL (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S.; MAYA, L.; SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, Porto Alegre, v.14, n.28/29, p.195-219, 2000.

ZILLES, A. M.; BATISTA, H. H. A concordância verbal na primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul*. Pelotas: EDUCAT, p. 100-124, 2006.

RIBEIRO, P. R. O. (2013). *O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG: a concordância nominal e verbal*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, número 2, dezembro de 2013. ISSN 1808-835X 1. <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>

